

**ESTUDO DE ITENS LEXICAIS PERTENCENTES À FAUNA NOS
ATLAS LINGUÍSTICOS DE ALAGOAS E PERNAMBUCO:
EM BUSCA DE CONVERGÊNCIAS**

STUDY OF LEXICAL ITEMS BELONGING TO THE FAUNA ON THE LINGUISTIC
ATLASES OF ALAGOAS AND PERNAMBUCO: IN SEARCH OF CONVERGENCES

Edmilson José de Sá | [Lattes | edmilson.sa@aesa-cesa.br](mailto:edmilson.sa@aesa-cesa.br)
Centro de Ensino Superior de Arcoverde

Resumo: Este artigo analisa as denominações relacionadas a itens lexicais pertencentes à fauna, em atlas linguísticos construídos em dois estados do Nordeste, considerando as variantes mais acentuadas nesses estados. Desse modo, escolheu-se cotejar os dados do referido campo semântico no Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (DOIRON, 2017) e no Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2016) com obras lexicográficas e textos a fim de auxiliar na identificação de categorias motivacionais para a variação lexical nos falares pernambucano e alagoano, de modo a perceber convergências e divergências entre eles. A análise permitiu constatar a existência de variantes para *joão-de-barro*, *gambá* e *libélula* que representam marcas específicas dos falares dos dois estados, somadas ao que fora observado em outras partes do Nordeste e extrapolando as suas fronteiras. Cabe, então, considerar as acepções regionalistas provenientes da cultura e das crenças dos falantes, dos quais são transmitidos, conservados e desenvolvidos valores característicos da sua língua materna.

Palavras-chave: Fauna; Atlas Linguísticos; Alagoas; Pernambuco.

Abstract: This article analyzes the denominations related to lexical items belonging to fauna in linguistic atlases constructed in northeastern states, considering the most relevant variants in these states. Thus, we chose to compare the data of this semantic field in the Linguistic Atlas of the State of Alagoas (DOIRON, 2017) and in the Linguistic Atlas of Pernambuco (SÁ, 2016) with lexicographic works and texts in order to assist in the identification of motivational categories for lexical variation in Pernambuco and Alagoas to perceive convergences and divergences between them. The analysis showed the existence of variants for *joão-de-barro*, *gambá* and *libélula* that represent specific marks of both states, added to what had been observed in other parts of the Northeast and extrapolating their borders. It is therefore necessary to consider the regionalist meanings derived from the speakers' culture and beliefs, from which values characteristic of their mother tongue are transmitted, conserved and developed.

Keywords: Fauna; Linguistic Atlases; Alagoas; Pernambuco

Introdução

Estudos descritivos dos falares brasileiros têm, a cada dia, acentuado a curiosidade de linguistas, tanto por intermédio da Sociolinguística quanto da Dialectologia, uma vez que fenômenos fonéticos e denominações lexicais podem, também, ser explicados por interferências extralinguísticas a que essas duas áreas de pesquisa costumam se deter.

Assim, este artigo pretende fazer uma análise comparativa de resultados de inquéritos para aferição de respostas relacionadas a itens lexicais pertencentes à fauna. O *corpus* foi obtido por intermédio das pesquisas realizadas por Sá (2013, 2016), que resultaram no Atlas Linguístico de Pernambuco (AliPE), e por Doiron (2017), autora do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL).

Para tanto, foram selecionadas as cartas 21 (joão-de-barro), 23 (gambá) e 24 (libélula) do AliPE e as cartas 57 (joão-de-barro), 62 (gambá) e 69 (libélula) do ALEAL, por apresentarem um número representativo de denominações passíveis de comparações pluridimensionais.

Para que as comparações pudessem ser elaboradas, levaram-se em conta, além da distribuição diatópica, os aspectos sociolinguísticos, por meio dos quais foi possível averiguar como as denominações registradas nos dois atlas se apresentaram segundo as dimensões diagenérica e diageracional.

Além disso, recorreu-se a obras lexicográficas para se verificarem motivações etimológicas e conceituais, de modo a constatar se as denominações condizem semanticamente com o conceito esperado e se apresentam alguma referência que delimite essas denominações conforme se disseminam espacialmente.

O estudo aqui proposto se estrutura da seguinte maneira: *in limine* apresenta-se um estudo teórico sobre a relação do léxico com a variação sociorregional; em seguida, veicula-se um panorama sobre estudos lexicais da fauna pelo Brasil.

Após o embasamento teórico, segue-se com uma descrição sobre os atlas linguísticos, adentrando, assim, na proposta metodológica e na análise dos dados, que oferecerá condições para confirmação ou refutação das hipóteses alvitadas.

1 O léxico e a variação sociorregional

Ao se fazer referência ao léxico, logo vem à tona a ideia do conceito de vocábulo ou de palavra, os quais, para muitos, são sinônimos; mas, na verdade, cada uma delas tem um propósito distinto, que se manifesta a depender da perspectiva que se queira defender.

Oliveira (2001, p.10), por exemplo, ao conceituar o 'léxico', defende a ideia de "um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio social de uma comunidade". Dessa

forma, já que o ‘vocábulo’, em Houaiss (2009), se refere à representação material, e a ‘palavra’ consiste na unidade linguística munida de significado, convém seguir o conceito de ‘léxico’, já que, além da visão sociocultural, que culmina no “resultado de experiências acumuladas de uma sociedade e de uma cultura através dos tempos” a que Oliveira (2001) se refere, ele representa a:

[...] somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do Léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera, e, às vezes, se contrai (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Aproximando o léxico à cultura, Carvalho (2009, p. 100) defende que a língua e a cultura não são ensinadas “em nenhum lugar especial, mas adquiridas ao sabor dos acontecimentos cotidianos”. Essa concepção já era apreendida em Vilela (1994, p. 6), quando relacionava o léxico à realidade extralinguística, arquivando o saber linguístico do falante. Para ele:

Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome, e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.

Assim, ao se defender que o estudo da língua não pode ocorrer sem relacioná-la à sociedade e à cultura, entende-se, também, o quão relevante é tal estudo para os dialetólogos, pois é justamente essa língua que “reflete a cultura geral de uma população” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 86), inserida no repertório lexical que ela detém.

O repertório lexical se estende por intermédio da cultura do falante, “aprendida e transmitida de geração em geração mediante a comunicação linguística” (DURANTI, 2000, p. 47), e isso se percebe nas diferenças regionais que a língua portuguesa falada no Brasil exhibe.

Essas diferenças, tão ricamente acentuadas, sobretudo no português falado em comunidades mais interioranas, ratificam a diversidade das visões de mundo perceptíveis pelos falantes e refletidas nas denominações lexicais.

Para verificar como essas visões de mundo contribuem para a heterogeneidade linguística, serão averiguadas as variantes de itens lexicais pertencentes ao campo semân-

tico da fauna, de modo a aferir, entre os dados de dois estados nordestinos – Alagoas e Pernambuco –, as denominações convergentes e as que constituem marcas dialetais pertencentes a cada um deles.

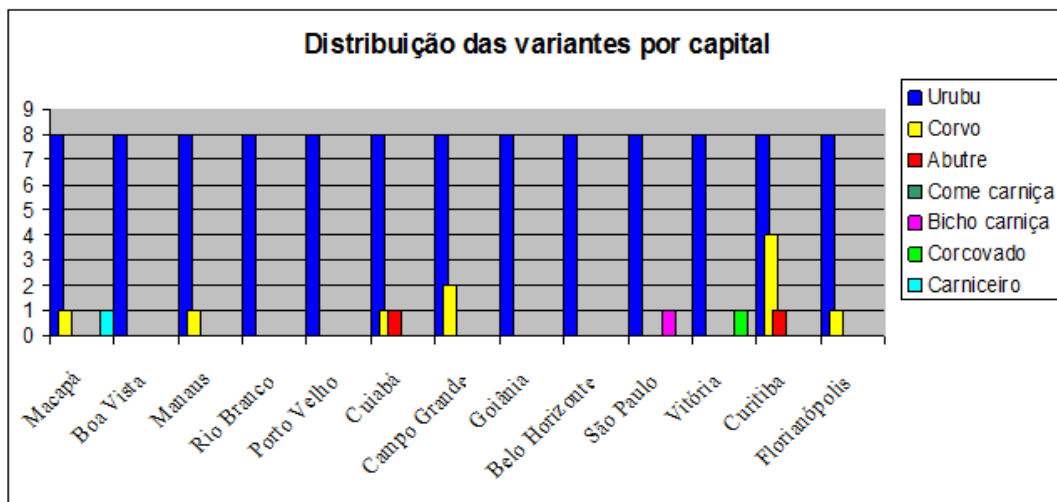
2 Estudos dialeto-lexicais acerca da fauna brasileira

Desde 1963, quando foi elaborado o primeiro atlas regional brasileiro, na Bahia, muitos estudos têm sido realizados acerca do comportamento do falante durante a resposta a questões relacionadas ao léxico, seja de nível diastrático, diagenérico, diageracional e, sobretudo, de natureza diatópica.

Silva e Aguilera (2007), por exemplo, realizaram um estudo sobre o vocabulário da fauna com base em dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) recolhidos em 13 capitais brasileiras, quais sejam: Macapá, Boa Vista, Manaus, Rio Branco, Porto Velho, Cuiabá, Campo Grande, Goiânia, Belo Horizonte, São Paulo, Vitória, Curitiba e Florianópolis.

A questão que direcionou o trabalho foi a (064), que intencionava descobrir como se nomeava *a ave preta que comia animal morto, podre*, encontrada nos Questionários do ALiB (2001, p. 26). O gráfico 1 apresenta os resultados.

Gráfico 1 – Variantes de *urubu*



Fonte: Silva e Aguilera (2007)

No estudo realizado por Silva e Aguilera (2007), foram analisadas respostas inquiridas em 104 informantes. Os resultados indicaram sete denominações para o pássaro descrito na questão, mas com percentuais variados. A aceção *urubu* constituiu a maioria

das respostas, chegando a 104 ocorrências, o que equivaleu a 86%, já que foi registrada em todas os municípios e falada por quase todos os informantes pesquisados. No entanto, o percentual da acepção *corvo* chegou a 8%, estratificados a partir das nove ocorrências computadas, enquanto as duas ocorrências de *abutre* resultaram em 2% do total.

Além das variantes mencionadas, as autoras observaram as seguintes denominações com registro único: *come-carniça*, *bicho-carniça*, *corcovado* e *carniceiro*. Considerando as realizações das três lexias mais proferidas, a pesquisa coletou 120 respostas nas entrevistas.

Numa perspectiva mais estadual, Isquerdo (2009) analisou a distribuição das denominações *amassa-barro / massa barro*, *joão-de-barro* e *pedreiro da floresta* e concluiu que essas denominações para ‘joão-de-barro’ se justificam pelos movimentos migratórios ocorridos no Mato Grosso. Anos depois, Costa e Isquerdo (2012) analisaram etnolinguisticamente a variação para ‘pernilongo’ a fim de confirmar a interferência indígena na escolha das denominações pelos falantes das capitais brasileiras.

Enquanto Aguilera (2010) discutiu as formas lexicais para ‘libélula’ a partir do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil, Ribeiro (2018) fez uma análise acerca das denominações para o mesmo item no norte do Paraná. Para ele, a forma mais produtiva *lava-bunda* foi registrada com maior frequência em Santa Mariana, na fala dos homens e entre os informantes do segundo grupo etário, de procedência mineira.

3 A escolha dos *corpora*

Desde muito cedo, no ano de 1934, com a publicação do livro *A Língua do Nordeste*, Mário Marroquim já se interessava pela diversidade dialetal, o que se confirmou quando proferiu que, “dentro do conceito geral, há no Brasil não um somente, mas vários dialetos ou subdialetos, através da imensa extensão do seu território” (MARROQUIM, 2008, p. 9, com adaptações). Porém, seu estudo se pautou exclusivamente em Alagoas e Pernambuco, pois:

[...] a identidade de interesses entre os dois Estados, a sua igualdade histórica, afora a homogeneidade geográfica e étnica, estabeleceram a igualdade da dialeção. Quase nenhuma diferença existe na linguagem das duas populações. (MARROQUIM, 2008, p. 18)

Considerando a ideia marroquiniana de um falar convergente nos dois estados nordestinos, resolveu-se cotejar uma amostra da variação lexical no *Atlas Linguístico de Pernambuco* e no *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas*.

O primeiro atlas surgiu como tese de doutorado defendida por Sá (2013), que verificou como variantes fonéticas, léxicas e morfossintáticas se acentuaram ou se inibiram em pontos de inquérito do estado pernambucano.

As investigações ocorreram em 20 pontos de inquérito do estado, contemplando todo o território. A escolha dos pontos de inquérito foi feita a partir dos preceitos teóricos encontrados em Ferreira e Cardoso (1994), segundo os quais era necessário ter em mente a realidade socioeconômica, os aspectos históricos e a importância do município para o estado.

Em cada ponto, foram entrevistados quatro informantes entre 18 e 30 e entre 50 e 65 anos, dos dois sexos e com escolaridade que não ultrapassasse o quinto ano (antiga 4ª série do Ensino Fundamental), à exceção da capital, Recife, que, conforme a metodologia preexistente, também requeria a diagnose com pessoas de nível superior completo.

Aos informantes foram aplicadas 460 perguntas, sendo 420 provenientes dos questionários do ALiB referindo-se a temas gerais e 40 de temas específicos relacionados a *frevo, maracatu, renascença e barro*. Os resultados permitiram a construção de 111 cartas, das quais seis são introdutórias, e mais 105 cartas linguísticas, divididas em 50 cartas fonéticas, 47 cartas semântico-lexicais e oito cartas morfossintáticas.

O segundo atlas de cujo *corpus* foram obtidos os dados da pesquisa a que este artigo se propôs analisar foi construído por Doiron (2017) no intuito de documentar a realidade linguística de falantes da zona urbana do estado de Alagoas. A autora considerou, prioritariamente, as diferenças diatópicas em seus aspectos fônicos, léxico-semânticos e morfossintáticos, cujos fenômenos mais acentuados resultaram em 88 cartas linguísticas, distribuídas entre fonéticas, lexicais e morfossintáticas.

A rede de pontos seguiu as orientações de Nascentes (1958), com 21 pontos de inquérito, de onde foram inquiridos dois por localidade, um homem e uma mulher, na faixa dos 30 aos 50 anos, com nível de escolaridade fundamental, completa ou incompleta. Junto a eles, foram, ainda, inquiridos quatro informantes distribuídos entre 55 e 75 anos com o mesmo nível de escolaridade.

Dos dois atlas escolhidos, foram selecionadas as denominações para elementos da fauna; em particular, para 'joão-de-barro', 'gambá' e 'libélula'. A análise a seguir apresenta a distribuição diastrática e diatópica dos itens lexicais selecionados; depois, as variantes registradas nos dois *corpora* serão comparadas a fim de se verificar a existência de discrepância entre as denominações registradas e, com isso, permitir ao leitor o conhecimento dessa diversidade presente na fala de habitantes dos estados alagoano e pernambucano.

4 Variação lexical da fauna nos atlas linguísticos de Alagoas e de Pernambuco

Para compreender como a fauna se manifesta nos falares alagoano e pernambucano, recorreu-se às cartas linguísticas, incluindo notas que elas acrescentam, referentes às respostas dadas à pergunta 57 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALIB (CARDOSO *et al.*, 2014) acerca “[d]a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até mesmo nos cantos da casa”, à pergunta 62, a fim de averiguar o nome do “bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado” e à pergunta 85, na iminência de obter as denominações para “o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água”.

A distribuição das unidades lexicais apuradas como resposta para as perguntas selecionadas será apresentada a seguir.

4.1 Denominações para ‘joão-de-barro’

Em Alagoas, as denominações para a ave, além de *joão-de-barro*, foram: *maria-de-barro*, *casaca de couro*, *mané-de-barro* e *rolinha-pé-de-feijão*. Enquanto a primeira denominação se encontra próxima à categoricidade, as demais se distribuem em pontos específicos.

Maria-de-barro, por exemplo, foi registrada nos pontos 3 (Santana do Ipanema) e 13 (Limoeiro de Anadia), mas foi mencionada também nos pontos 4 (Piranhas), 5 (Pão de Açúcar) e 16 (Marechal Deodoro). Já a resposta *casaca de couro* foi registrada na fala dos homens dos pontos 2 (Canapi), 5 (Pão de Açúcar) e 12 (Quebrangulo).

Com ocorrência única, detectou-se a denominação *mané-de-barro* apenas no ponto 20 (Porto Calvo); *rolinha-pé-de-feijão* foi mencionada por uma informante do ponto 6 (Traipu).

Já em Pernambuco, a ave que constrói sua casa com terra tem as seguintes denominações, conforme o ALiPE: *barreiro*, *bem-te-vi*, *churéu*, *fura-barreiro*, *fura-chão*, *furão*, *garrincha*, *janica*, *janica-de-barro*, *joana-de-barro*, *joão-de-barro*, *lavadeira*, *maria-de-barro*, *maria-fita*, *maria-pobre*, além de respostas não esperadas, como *pardal*, *pica-pau*, *rolinha*, *rouxinol* e *sabiá*, que denominam outros tipos de pássaros.

Para a análise em questão, consideram-se, aqui, apenas as denominações com percentual mais elevado de registro. No caso, os itens *joão-de-barro*, *joana-de-barro*, *maria-de-barro* e *fura-barreiro* serão analisados a partir da distribuição espacial nos atlas escolhidos para o texto e na perspectiva sociolinguística à luz da Geolinguística Pluridimensional.

Dos 20 pontos de inquérito do ALiPE, a denominação *joão-de-barro* está registrada

em 17 deles, pois nos pontos 2 (Petrolina) e 4 (Ouricuri) a ave é conhecida por *joana-de-barro*, e nos pontos 7 (Tacaratu) e 10 (São José do Egito), chamam-na de *maria-de-barro*. Nos pontos 9 (Custódia) e 15 (São Bento do Una), o pássaro é denominado *fura-barreiro* ou simplesmente *barreiro*.

Em termos diagenéricos, a distribuição quantitativa das denominações para *joão-de-barro* se mantém com maior número de ocorrências para o homem, o que, de certa forma, é intrigante, considerando que se trata de um animal que se ambienta principalmente em casas, das quais, normalmente, o homem passa parte do tempo fora, no trabalho, enquanto a mulher, dona-de-casa, tende a construir um repertório linguístico mais apropriado a esse ambiente. Nas palavras de Figueiredo (1995, p. 2):

O joão-de-barro, *Furnarius rufus*, é um dos pássaros mais populares e benquistos. Seu hábito de aproximar-se das moradias humanas mostrando confiança, o modo elegante de andar pelo chão, o canto alegre e pronunciado, a originalidade de seu ninho são algumas das causas de sua popularidade.

O número elevado de lexias proferidas pelo homem, a disparidade nos percentuais e a inibição por parte dos dados registrados na fala da mulher foram influenciados pela faixa etária: 58% das denominações foram registradas na segunda faixa etária, face aos 42% identificados na fala dos mais novos.

Não é de todo um grande diferencial, mas, considerando, inclusive, o percentual maior de outras ocorrências, verifica-se que se trata de uma ave cujos nomes mais presentes em manuais da ornitologia estão dando lugar a novas acepções, conforme os hábitos que ela desenvolve, como mostra Figueiredo (1995, p. 2):

Os nomes vulgares sempre se referem à relação da ave com o barro ou com o aspecto do ninho semelhante a um forno primitivo: joão-de-barro; barreiro (RS); amassa-barro (MT); no Ceará: maria-de-barro, forneiro, oleiro e pedreiro. Na Argentina e Uruguai: hornero, copiado para o inglês: “ovenbird” ou o francês: “fournier” (Buffon) ou “fournillier”.

Considerando o ponto de vista defendido por Barbosa (1993, p. 1), de que o léxico “representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores”, pretende-se, aqui, refletir sobre as escolhas lexicais dos pernambucanos e alagoanos para a denominação do *Furnarius rufus*.

Em Houaiss (2009, p. 301), o *joão-de-barro* é definido como uma “designação comum às aves passeriformes, campestres, do gênero *Furnarius*, da família dos furnariídeos, representadas no Brasil por cinco espécies de plumagem ferrugínea”. Esse conceito se torna mais amplo se comparado ao encontrado em Rocha (2001, p. 290), que apenas menciona uma “ave que constrói seu ninho com barro”.

No caso do *joão-de-barro*, vem à tona a ideia simbólica de que se trata de um animal sagrado, pois lhe teria sido solicitado abrigo a Jesus, quando de sua prisão, conforme a crença popular. Numa perspectiva etnolinguística, constata-se que “o léxico, enquanto descrição de uma cultura, está no seio da sociedade” (ARAGÃO, 2016, p. 560).

A popularidade de que se tem falado atinge, então, o viés linguístico, uma vez que a ave é assim nomeada e conhecida em quase todo o Brasil, não eximindo a diversidade de denominações de como ela é conhecida.

O item lexical *joana-de-barro* é mencionado por Nascentes (1966) como resultante do valor afetivo que o falante costuma dar ao denominar animais com nomes de pessoas – a exemplo do que ocorreu com *mané-de-barro*, registrada no ALEAL. Além disso, no caso do nome feminino, a crença agrega o instinto materno da ave pelo fato de ela construir seu próprio ninho para abrigar os ovos. No Maranhão, Ramos *et al.* (2012) citam a denominação *joana-de-barro*, assim como o fez Isquierdo (2009) ao relatar o registro de uma única ocorrência na localidade de Coxim, Mato Grosso do Sul, quando dos inquéritos para o *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*.

A denominação *maria-de-barro* está registrada em Caldas Aulete (1980) e em Ferreira (2004); considerando o sema ‘ave fêmea’, comunga da perspectiva apontada por Nascentes (1966) sobre o instinto materno em busca de estruturar o ninho para abrigar os ovos e os filhotes.

No caso de *fura-barreiro* ou *barreiro*, em obras lexicográficas, o substantivo derivado do *barro* se encontra registrado no feminino, como ocorre em Houaiss (2009), que menciona *fura-barreira* como uma ave passeriforme da família dos furnariídeos (*Hylocryptus rectirostris*), encontrada no Paraguai e no Brasil (BA, MG, SP e PR), com cerca de 21,5 cm de comprimento, plumagem parda, cabeça, uropígio, asas e cauda ferrugíneas. Também menciona uma variante regional de Pernambuco: ‘rapazinho dos velhos’. Segundo o mesmo autor, o *fura-barreira* tem a mesma característica ornitológica do ‘joão-de-barro’.

Já em Navarro (2013), a ave *fura-barreira* se caracteriza por possuir 18 cm de comprimento, bico vermelho, dorso marrom, garganta branca, colar pardo-amarelado e barriga branca manchada de preto. Porém, o mesmo autor comunga do conceito de Houaiss (2009) ao descrever a ave com comprimento superior.

A denominação *casaca-de-couro* também nomeia uma ave passeriforme da família dos furnariídeos (*Pseudoseisura cristata*), encontrada no Brasil, Paraguai e Bolívia, cujo ninho se assemelha ao do João-de-Barro, mesmo não se tratando da mesma ave.

Denominações como *rolinha-pé-de-feijão*, registrada no ALEAL, e *pica-pau* e *churéu*, registradas no ALiPE, parecem acentuar o desconhecimento do informante ao ser inquirido sobre o nome do pássaro, pois respondem por associações ou para não deixar a pergunta sem resposta. Sobre a primeira denominação, Doiron (2017, p. 202) afirma que a referida ave:

[...] não constrói seu ninho com argila e nem fabrica nele compartimentos visando a reprodução. Talvez a informante possa ter associado a cor amarronzada da plumagem da espécie mais corriqueira da rolinha-pé-de-feijão. Caso isso pudesse ser confirmado, diria-se que a motivação para essa variante é transparente, pois estabelece uma ligação entre a ave – rolinha – e a planta – feijão.

Em Pernambuco, registram-se ocorrências como *rolinha*, que nomeia uma ave encontrada em campos e caatingas em grande parte do Brasil e em países adjacentes, atinge 16 cm de comprimento e possui plumagem acinzentada com preto e branco nas asas e branco na cauda (HOUAISS, 2009).

Concernente às variantes *pica-pau* e *churéu* como denominações para ‘João-de-Barro’, também não se trata da mesma ave. Curiosamente, a primeira delas também foi registrada por Encarnação (2010) no *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba, municípios do litoral norte de São Paulo* (ENCARNAÇÃO, 2010), no primeiro ponto de inquérito: Caraguatatuba. A partir da aceção registrada por Houaiss (2009, p. 301, já se percebe que a ave possui características diferentes do João-de-Barro:

Designação comum às aves pisciformes, insetívoras, da família dos picídeos, encontradas em quase todo o mundo, com exceção da Austrália, Nova Guiné, Nova Zelândia e Madagascar; de bico forte e reto, usado para martelar a madeira em busca de insetos, língua vermiforme e muito comprida, pés zigodátilos e cauda com penas endurecidas, usadas como apoio para subir em árvores [...]. Abrem cavidades no tronco das árvores, a fim de servirem como ninho ou local para dormir.

No caso de *churéu*, tem-se um caso de resposta não produtiva, uma vez que ela não nomeia nenhum pássaro que se assemelhe ao João-de-Barro. Conjectura-se ousadamente que se trata de uma variante regional para um tipo de peixe marítimo chamado de ‘chu-

charro'. *Churéu*, no entanto, parece ter semelhança fonética como 'xaréu', peixe comum no Nordeste, com destaque para praias do litoral sul do estado de Pernambuco.

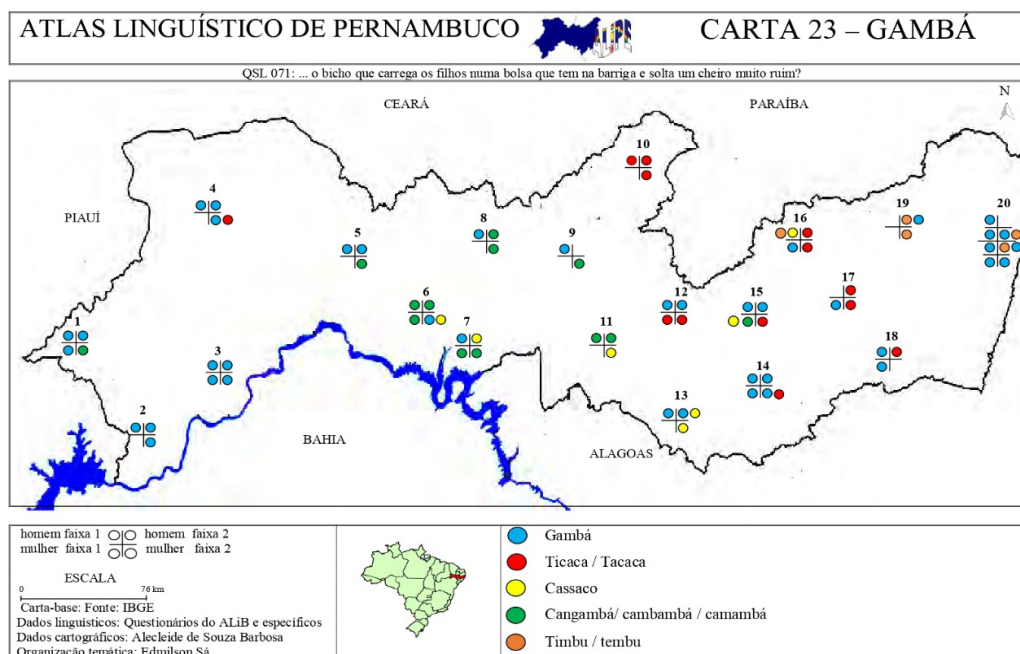
4.2 Denominações para 'gambá'

Quando os informantes selecionados em Alagoas responderam a pergunta sobre 'o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado', denominaram-no de *gambá*, *cassaco*, *cambambá*, *saruê* e *picaca*, que foram registrados em toda a extensão do estado.

Houaiss (2009) define o *gambá* como uma designação comum para os marsupiais do gênero *Didelphis*, os maiores da família dos *didelfídeos*, com três espécies, e encontrados do Sul do Canadá à Argentina. Ele possui até 50 cm de comprimento, cauda preênsil, longa e quase inteiramente nua, com a parte distal branca, pelagem cinza, preta ou avermelhada e fêmeas com marsúpio bem desenvolvido.

Já em Pernambuco, foram registrados os itens lexicais *gambá*, *gambirra*, *camambá*, *cambambá*, *cangambá*, *cassaco*, *gimbá*, *jarita*, *tembu*, *ticaca*, *tacaca* e *timbu*. A figura 1 apresenta a cartografia das denominações mais acentuadas no ALiPE.

Figura 1 – Carta 23 com denominações para 'gambá' no ALiPE



Fonte: Sá (2013, p. 297)

A denominação *gambá* se evidenciou nas respostas aos inquiridos em toda a extensão do território pernambucano. Já o item *cassaco* parte de pontos isolados do Sertão em direção à capital. No sertão do Pajeú e descendo para o Agreste, predominam as variantes *ticaca* ou *tacaca*.

Convém destacar que as denominações *camambá*, *cambambá* e *cangambá* se constituem de marcas características da fala do sertanejo, enquanto *timbu* ou *tembu* se manifestam mais acentuadamente nos pontos próximos à capital. *Gambirra* e *gimbá*, por sua vez, foram registradas em pontos isolados do Sertão, e *jarita* foi mencionada por um informante do Agreste.

Conforme já verificado por Doiron (2017, p. 190), a motivação lexical para ‘gambá’ diz respeito à morfologia do animal, enquanto “uma de suas características proeminentes, que é o odor exalado, não foi considerada, e sim o fato de carregar o filhote no seio oco, a bolsa marsupial”.

Em Houaiss (2009), consta a denominação *cassaco* como regionalismo do Nordeste, registrada em Pernambuco e como ocorrência única em Marechal Deodoro (AL). Para Lopes (2012, p. 82), a acepção voltada para o gambá, cuja etimologia sinaliza uma possível origem banta, do quicongo **kasakana*, advém do uso do mesmo termo para conceituar o trabalhador de engenho, de usina de açúcar e de construção de estradas, já que, conforme o lexicógrafo, o mamífero teria predileção pela aguardente de cana.

No caso de *cangambá*, *camambá* e *cambambá*, Lopes (2012, p. 74) a conceitua como variante para *jaritataka* e de étimo controverso, embora já tenha elencado possibilidades encontradas em pesquisas de outros etimólogos que conferem a origem à fauna angolana *ikangamba* e ao quioco *kangamba*. Aliás, sobre as denominações *jaritataka*, *cangambá* e *saruê*, cabem algumas ressalvas.

Já se mencionou que o *gambá* pertence ao grupo de marsupiais da família dos *didelfídeos*, sendo, pois, os maiores da família. Ocorre que, segundo Cheida *et al.* (2006, p. 261), há os mamíferos do gênero *conepatus*, de que faz parte o grupo *semistriatus*, do qual constam o *cangambá*, a *jaritataka* e o *saruê*, mas esses são menores que o *gambá*. Assim, acredita-se que o informante partiu do sema “cheiro ruim quando ameaçado”, semelhante à característica do *didelfídeo*, para denominá-lo com as demais formas lexicais. Houaiss (2009), inclusive, define *saruê* como variante de *sariguê*, também do tupi sari’guê.

Tanto em Alagoas quanto em Pernambuco, o mamífero também é denominado de *ticaca* e, em Alagoas, há ainda uma variante fonética por nome de *picaca*, de étimo in-

dígena, segundo consta em Houaiss (2009). Parece haver uma remissiva à *maritacaca*, retornando, assim, à origem de *jaritataka*, do tupi *yagwara'taka* ou *yarata'kaka*, alterada do tupi *mbiara'taka* (*mbiarata'kaka*) e influenciada pelo tupi *ya'gwara* 'onça, jaguar'. O mais intrigante é a motivação que originou o nome do marsupial, aludindo ao felino. Hemming (2007, p. 110), ao tratar da conquista dos índios brasileiros, apresenta uma relação fantasiosa sobre o contato desses povos com os animais selvagens, dentre os quais os que suscitam a dúvida apresentada:

Existem muitas variantes dessas lendas, e algumas envolvem encontros com animais, a **onça** e o **gambá**, os quais se comportam como homens, comandam aldeias, empreendem guerras ou dormem com a mulher de Maíra-Monã. Em certa lenda os gêmeos procuram seu pai, que insiste numa prova de força antes de o reconhecer (**grifos nossos**).

4.3 Denominações para 'libélula'

No Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL), a pergunta sobre o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água obteve seis denominações: *libélula*, *cachimbal*, *lava-cu*, *ziguezigue*, *lava-bunda* e *helicóptero*.

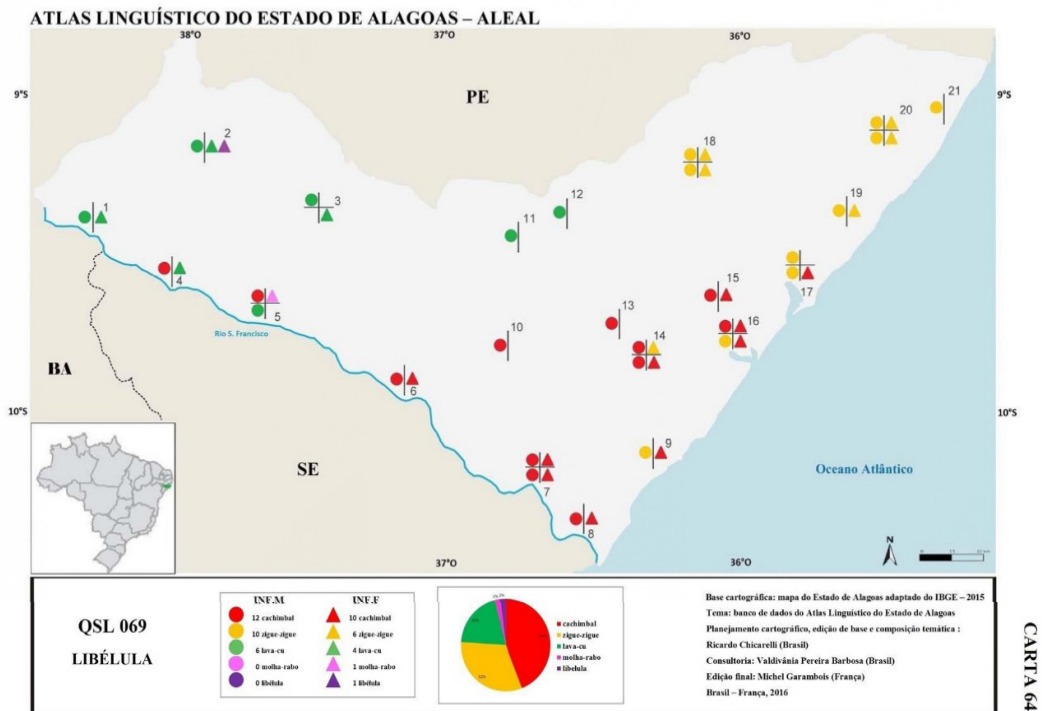
Silva (2002, p. 286-287), ao explicar a etimologia da lexia *libélula*, aponta a seguinte origem:

[...] do latim *libelula*, diminutivo de *libella*, nível. Designou-se assim a borboleta porque paira no ar, mas outros pesquisadores afirmam que outra palavra latina serviu-lhe de origem. Teria sido *libellulu*, diminutivo de *libru*, livro, dado que as asas do inseto dão a imagem das folhas de um livro. Metáfora por metáfora, mais belas são as de Cecília Meireles em sua obra poética: "libélulas valsavam com seus vestidos de gaze e seus adereços de ametista".

A *libélula*, segundo Houaiss (2009), é a designação comum aos insetos carnívoros da ordem dos *odonatos*, que se alimentam de insetos e de outros organismos e são facilmente reconhecíveis pelo abdome longo e estreito, pelas quatro asas alongadas, transparentes e providas de rica nervação. São carnívoros em todas as fases vitais, alimentando-se de insetos e outros organismos.

A figura 2 apresenta a distribuição espacial das ocorrências das denominações para a 'libélula' e permite constar onde elas se sobressaem.

Figura 2 – Carta 64 com denominações para ‘libélula’ no ALEAL



Fonte: Doiron (2017, p. 376)

Como se percebe, as denominações mais frequentes para denominar a ‘libélula’ foram *cachimbal*, *lava-cu* e *zigue-zigue*. A distribuição diatópica permite construir três isoléxicas, dispostas na figura 3.

Figura 3 – Isoléxicas das denominações para ‘libélula’ no ALEAL



Fonte: Elaboração do autor

As isoglossas dispostas na figura 3 sinalizam a predominância de *cachimbal* nos pontos de inquérito pertencentes ao sertão alagoano, enquanto *lava-cu* se registra nos pontos do Agreste e adentram a leste do estado, onde se constata a denominação *zigue-zigue* de modo mais acentuado.

No ALiPE, as denominações para o referido inseto foram as seguintes: *beloso, besouro, borboleta d'água, cabra-cega, cavalo d'água, cavalo-do-cão, cigano, dominique, helicóptero, lava-bunda, lava-cu, lavadeira, libélula, lisbela, malaquia, mariposo, martelo, molha-bunda, pescador, rapa-cuia, vagalume, zigue-zague e zigue-zigue*. Contudo, apenas *libélula, cabra-cega, lava-cu, lava-bunda, molha-bunda, zigue-zigue, zigue-zague* foram cartografadas, por se registrarem em maior número de ocorrências nos limites do estado pernambucano, enquanto as demais se registraram na fala de um ou dois informantes.

A denominação *cabra-cega* constitui marca dialetal dos pontos 16 (Taquaritinga do Norte) e 19 (Limoeiro), pois foram respondidas por informantes independentemente das dimensões diastráticas (sexo e faixa etária) de que faziam parte. A mesma percepção ocorreu para *zigue-zigue* no ponto 18 (Palmares) e para *lava-cu* nos pontos 6 (Floresta) e 7 (Tacaratu). A denominação *lava-bunda* foi registrada por: um informante do sexo feminino de Afrânio (ponto 1); um informante masculino e um feminino do ponto 3 (Santa Maria da Boa Vista); um informante masculino dos pontos 10 (São José do Egito) e 13 (Águas Belas); e por um informante do sexo feminino do ponto 11 (Tupanatinga).

Tanto em Alagoas quanto em Pernambuco, a denominação *lava-cu* faz alusão ao inseto que bate a traseira na água. No Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), essa denominação constitui marca do falar sergipano, possivelmente, trazida à América Latina por imigrantes europeus, já que ela se encontra mencionada no *Atlas Linguístico Romano (ALIR)*, no âmbito da Galícia e da Itália Setentrional, em que se justapõem o verbo designativo da ação desempenhada pelo inseto e a parte do corpo responsável por essa ação, resultando em itens lexicais como *molha-cu, encharca-cu* e inspirando outros tantos já conhecidas dos brasileiros – a exemplo do que se percebe nas capitais brasileiras: *bate bunda* (Campo Grande e Goiânia) e *lava-bunda* (Vitória, Curitiba, Campo Grande e Goiânia).

Assim como *lava-cu*, a denominação *helicóptero* também foi cartografada no ALEAL e no ALiPE, aludindo semanticamente às características relacionadas ao voo do inseto.

Trata-se de uma denominação também conhecida em Goiânia, Curitiba, Florianópolis, Rio Branco, Campo Grande, São Paulo e Natal; da mesma forma, com outras formações, ainda fazem referência a transportes que se sustentam no ar, assim como a *libélula*. Esse fato se comprova no ALIR, que menciona, além de *helicóptero*, marcado pelo povo espanhol, *avião*, que nomeia o inseto em português, galego e espanhol, e *aeroplano d'água*, como chamam os romenos.

Já os itens lexicais *zigue-zigue* e *zigue-zague* remetem aos movimentos desconexos da *libélula*. Essas denominações são conhecidas em outros estados nordestinos da mesma maneira como ocorrem em Pernambuco e em Alagoas.

Cachimbal foi acentuada em Alagoas, mas, segundo Doiron (2017), não se encontrou qualquer motivação para tal denominação. Para ela, há, pelo menos, duas hipóteses, caracterizadas pela anatomia e pelo critério acústico:

O corpo fino e comprido, a cabeça desproporcional e olhos proeminentes da libélula assemelhar-se-iam a um cachimbo, objeto consistindo de um tubo delgado que tem numa das extremidades um recipiente arredondado e oco (local onde se coloca o tabaco). Pode-se cogitar também que existiria alguma semelhança entre o corpo da libélula e a estrutura do berimbau, construído a partir de um arco fino e longo de madeira e retesado por um fio de arame e uma meia cabaça na extremidade. Já a segunda hipótese envereda-se pelo âmbito acústico, ou seja, pelo som que o inseto emite durante o voo, vibrante e ressonante, tal qual o instrumento musical citado. (DOIRON, 2017, p. 181)

Além das denominações que apresentaram o maior número de registros nos dois atlas consultados, outras variantes, fazendo ou não referência ao inseto de que trata este subtópico, aguçam a curiosidade do leitor acerca do que teria motivado a resposta do informante. O que se constata é a necessidade de se recorrer a ciências distintas, que ultrapassam os limites da Linguística, adentrando, inclusive, na fantasia, na religiosidade e na cultura do falante, cujas lembranças remetem ao totemismo enquanto solução intelectual para problemas cognitivos colocados por diferentes fenômenos naturais inexplicáveis, como conceituava Frazer (1982).

Comparando-se as denominações dos animais pertencentes à fauna de Alagoas e de Pernambuco, é possível perceber o que converge e o que diverge nos dois estados.

Quadro 1 – Distribuição diatópica das denominações de elementos representativos da fauna nos atlas linguísticos de Alagoas e Pernambuco

Questão	Resposta esperada	Respostas	ALEAL	ALiPE
QSL 57: como se chama a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até mesmo nos cantos da casa?	joão-de-barro	casaca de couro	x	
		fura-barreiro		x
		joana-de-barro		x
		joão-de-barro	x	x
		mané-de-barro	x	
		maria-de-barro	x	x
		rolinha-pé-de-feijão	x	
QSL 62: como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?	gambá	camambá, cambambá, cangambá	x	x
		cassaco	x	x
		gambá	x	x
		jarita		x
		saruê	x	
		tembu, timbu		x
		ticaca, tacaca, picaca	x	x
QSL 85: como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?	libélula	cabra-cega		x
		cachimbal	x	
		helicóptero	x	
		lava-bunda	x	x
		lava-cu	x	x
		molha-bunda		x
		libélula	x	x
		zigue-zague, ziguezigue	x	x

Fonte: Elaboração do autor

Como se percebe, as denominações para o ‘joão-de-barro’, o ‘gambá’ e a ‘libélula’ se assemelham parcialmente, enquanto as demais representam marcas específicas de cada estado. Assim, é possível constatar que essas denominações advêm de traços semânticos genéricos, específicos e virtuais. São, pois, os produtos derivados desses traços que precisam ser inseridos nos dicionários, contemplando os limites geográficos e culminando, com isso, na inclusão dos regionalismos que refletem a cultura das comunidades e são expressos pela língua falada por seus habitantes.

Considerações finais

A ideia de analisar o falar nordestino, com ênfase aos estados de Alagoas e Pernambuco, partiu da percepção defendida por Marroquim (2008, p. 18) de que “a identidade de interesses entre os dois estados, a sua igualdade histórica, afora a homogeneidade geográfica e étnica, estabeleceram a igualdade da dialeção”.

Nesse sentido, tentou-se verificar se a igualdade de dialeção a que Marroquim (2008) se referiu se exemplificou em alguns itens registrados em atlas linguísticos dos dois estados. Para tanto, foram selecionadas as denominações para elementos representativos da fauna.

Se para o autor “a formação histórica e étnica dos alagoanos e pernambucanos é uma só, logo idêntica é a sua orientação linguística” (MARROQUIM, 2008, p. 9), neste trabalho, são percebidas convergências – explicadas sob a égide da história da língua, das derivações e composições dialetais influenciadas, muitas vezes, pela pronúncia, pela contribuição estrangeira e, naturalmente, por efeitos migratórios que aproximaram as duas populações. Contudo, são reveladas divergências léxicas multiplicadas pelo próprio falante ao denominar aspectos inerentes à sua realidade, à sua cultura e ao modo como ele vê as coisas com que se depara diariamente.

São essas variantes significativas e cheias de vida que inserem na língua portuguesa falada no Nordeste, e tão imitada por todos, um tom original à maneira de falar de cada habitante.

Referências

AGUILERA, V. A. De onde vieram por onde anda as nossas libélulas e jacintas? um estudo da etimologia popular com base em dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB). *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, v.41, p. 291-309, jan./jun. 2010..

ARAGÃO, M. S. S. *et al.* Variação fônica e léxico semântica no português do Brasil a partir dos dados do projeto ALiB. In: SÁ JÚNIOR, L. de; MARTINS, M. A. (org.). *Rumos da Linguística Brasileira: Historiografia, Gramática e Ensino*. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2016, v. 1, p. 73-95.

AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. brasileira. 2v. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

BARBOSA, M. A. *O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos*. In: Encontro de Estudos Linguísticos de Assis. *Anais...* Assis: UNESP, 1993, p. 1-9.

- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARDOSO, S. *et al.* *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2.v. Londrina: EDUEL, 2014.
- CARVALHO, N. Empréstimos linguísticos e identidade cultural. In: ALVES, I. M. *et al.* (Org.). *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. v. 1, 255p.
- CHEIDA, C. C. *et al.* Ordem carnívora. In: REIS, N. R. *et al.* *Mamíferos do Brasil*. Londrina: Nélio Roberto dos Reis, 2006.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- DOIRON, M. P. B. *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas*. 2017. 488 f. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.
- DURANTI, A. *Antropologia linguística*. Tradução de Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- ENCARNAÇÃO, M. R. T. *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba* - municípios do litoral norte de São Paulo. 2010. 723 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIGUEIREDO, L. F. A reprodução do joão-de-barro, *Furnarius rufus* (Gmelin, 1788): uma revisão. *Boletim CEO*, São Paulo, v. 11, p. 2-33, 1995.
- FRAZER, J. G. *O ramo de ouro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- HEMMING, J. *Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros*. São Paulo: EdUSP, 2007.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras... In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (org.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 41-60.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LOPES, N. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2012.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 8 ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1966.

NAVARRO, F. *Dicionário do Nordeste*. 2 ed. Recife: CEPE, 2013.

OLIVEIRA, A. M. P. P. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 109-115.

RAMOS, C. M. A. *et al.* No céu do Maranhão, cruzam-se catirinas, tingas e pragas: um estudo semântico-lexical da fauna maranhense. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (Org.) *Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 263-280.

RIBEIRO, T.L. Cavalinho-de-judeu, donzelinha, jacinta e lava-bunda: variação lexical para o inseto típico de áreas alagadiças. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 22., 2018, Rio de Janeiro. *Cadernos [...]*. Rio de Janeiro: CNLF, 2018. p. 340-353.

SÁ, E. J. *Atlas linguístico de Pernambuco*. São Paulo: Ixtlan, 2016.

SÁ, E. J. *Atlas linguístico de Pernambuco*. 2013, 417 f. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SILVA, D. *A vida íntima das palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*. São Paulo: Arx, 2002.

SILVA, G. A.; AGUILERA, V. Geolinguística: um estudo lexical no campo da fauna brasileira. In: ENCONTRO CIENTÍFICO DO CURSO DE LETRAS, 5., 2007, Rolândia. *Caderno [...]*. Rolândia: Faccar, 2007. v. 1. p. 41-42.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.



Data de submissão: 03/06/2020

Data de aceite: 30/06/2020